



A cultura no jornalismo maranhense: uma análise editorial do jornal O Estado do Maranhão

Thays Assunção Reis¹

Resumo: Este artigo pretende verificar como a cultura é tematizada nas páginas do jornal *O Estado do Maranhão* – impresso de referência no território estadual. Para tanto, foi empreendido um levantamento quantitativo em 53 edições do impresso, entre os meses de março e abril de 2016, associado à entrevista com a editora do caderno de cultura. Entre os resultados obtidos e que são demonstrados estão a diversidade de formatos textuais na produção jornalística cultural, a presença de uma cultura enraizada na realidade de São Luís e distante das tradições e manifestações populares. Além disso, a produção jornalística cultural é visível e frequentemente norteadas pela lógica da ‘agenda’ de eventos.

Palavras-chave: Cultura; O Estado do Maranhão; Tematização; Jornalismo.

1. Introdução

Como os jornais impressos do Maranhão abordam a cultura em suas páginas? A produção jornalística maranhense difere da desenvolvida pelo jornalismo cultural do restante brasileiro? A partir desses questionamentos, o presente artigo lança um olhar sobre a produção jornalística cultural do jornal *O Estado do Maranhão*, buscando perceber como ele aborda a cultura e que concepção tenta compartilhar com setores do público de abrangência editorial.

Para a realização deste trabalho foi realizado um levantamento quantitativo em 53 edições do jornal *O Estado do Maranhão*, buscando mapear as matérias que mesmo não sendo publicadas diretamente na editoria de arte e cultura, também abordavam produtos, serviços e atividades da esfera cultural.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Em seguida, para a sistematização dos dados, foram levantadas as seguintes categorias de análise: 1) gênero (informativo, opinativo); 2) formato (notícia, nota, reportagem, editorial, crítica, coluna assinada, artigo assinado, opinião do leitor, outro); 3) tema (música, cinema, literatura, teatro/dança, artes visuais, patrimônio cultural, patrimônio natural/turismo, gastronomia, televisão, políticas culturais, tradições/cultural popular, moda/comportamento, outro); 4) abrangência (local, regional, estadual, nacional, internacional); 5) fontes (oficial, empresarial, institucional, popular, testemunhal, especializada, documental).

A partir deste quadro de análise, associado com entrevista com a editora do caderno de cultura do jornal *O Estado do Maranhão*, foi possível identificar aspectos da cobertura cultural realizada pelo impresso e compreender o modo de produzir o material de cultura, bem como mapear as orientações editoriais, rotinas produtivas e critérios de seleção do que entra nos referidos espaços jornalísticos.

2. Características da produção jornalística cultural

Para abordar a cultura no jornalismo, torna-se necessária uma breve caracterização do Jornalismo cultural (JC). Daniel Piza (2011) trata o JC como um tipo de jornalismo especializado, que diferencia-se de uma tradicional produção jornalística, pela elaboração e publicação de conteúdo centrado na análise, crítica e no debate de ideias. “O papel do jornalismo cultural é “[...] refletir (sobre) os comportamentos, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma” (PIZA, 2011, p. 57).

Fábio Gomes (2009, p. 8) partilha dessa visão ao afirmar que a missão do jornalismo cultural é “informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade. Complementarmente, o jornalismo cultural pode servir como veículo para que parte desta produção chegue ao público”.

No entanto, a produção cultural brasileira está hoje resumida basicamente à lógica da agenda – ao filme que estreia hoje, ao disco que será lançado no mês seguinte, à abertura da exposição. Esta realidade, para Streacker (1989), é resultado da presença cada vez maior da cultura de massa na pauta do jornalismo cultural impresso que valori-

za excessivamente a notícia-agenda (ou notícia-acontecimento) em detrimento da investigação jornalística, que no campo do JC se tornou rara, mesmo sendo tão importante.

[...] embora se atenham a fatos concretos, as investigações costumam revelar informações que nenhum produtor cultural tem interesse em divulgar, apesar do interesse que possam ter para o público. Uma investigação jornalística pode desnudar o funcionamento dos bastidores do show biz. Uma investigação jornalística pode mostrar e discutir a política de seleção de títulos de editoras, gravadoras e distribuidoras de filmes [...]. Os *features* e as investigações jornalísticas podem contribuir muito – muito mais que a divulgação de bens e eventos – para melhorar a qualidade da vida cultural do leitor, especialmente quando geram polêmicas (STRECKER, 1989, p. 101).

Ballerini (2015) observa que a emergência do “furo” é uma característica recente do jornalismo cultural. Antes centrada nos cadernos de política, economia e cidades, a busca por notícia quente tem acirrado a competição entre os cadernos, prejudicando assim a cobertura de artes e entretenimento.

Corroborando com esta perspectiva, Sérgio Augusto (2002) afirma que os editores de cultura preferem sair na frente com uma reportagem eventualmente feita “nas coxas” a esperar mais de 24 horas uma matéria mais completa e melhor apurada. Assim, a regra de não levar furo torna-se uma “obsessão” numa área onde a reflexão e análise deveriam ser mais importantes.

Além deste aspecto, outro fator que vem influenciando cada vez mais a prática do jornalismo cultural é o relacionamento com as assessorias de imprensa. Muitos jornalistas ficam reféns ou se acomodam na produção de reportagens nascidas de sugestões de pautas de assessorias. Desse modo, os editores dos cadernos culturais resignam-se apenas a divulgar, por exemplo, estreias de filmes, sem lançar um olhar próprio e independente sobre tal suporte.

Piza (2011) também aponta a “marginalização da crítica” como um dos traços da prática jornalística voltada para a cultura em nosso país. Segundo o autor, a crítica atual é baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo.

Assim como Piza, Gadini (2009) percebe que a crítica desde o século XX restringiu-se à explicação ou análise de uma obra, pautada, na maioria dos casos, por cri-

térios subjetivos de quem a faz ou por um vago senso comum supostamente partilhado pelo interlocutor.

Pertinente destacar que a prática do jornalismo cultural se modificou significativamente com o advento da internet. Ela oferece novos espaços para divulgação da cultura, como sites especializados em diversas áreas de expressão cultural (cinema, teatro, literatura, música, moda, etc) que apresentam não somente textos analíticos, mas recursos que permitem ilustrar e dinamizar o conteúdo. De acordo com Gomes (2009), o ambiente on-line representa também uma alternativa às limitações do jornalismo cultural praticado nos veículos de comunicação tradicionais.

O sujeito cultural da era da cibercultura dispõe de uma larga oferta de sites e blogs de jornalismo cultural, quase todos independentes - ou seja, sem ligação com grupos de comunicação - e nessa área em franca expansão não se fala em crise. (GOMES, 2009, p. 20).

Pode-se então dizer que o jornalismo on-line permite a criação e ampliação de espaços por grupos habitualmente excluídos da esfera midiática, como grupos populares. A internet, inclusive, possibilita a produção de conteúdo com pluralismo de temas e diversificação das fontes, bem como uma maior interatividade com o leitor.

3. Jornal O Estado do Maranhão

O jornal *O Estado do Maranhão* começa a circular no território maranhense em 1959, com o nome de *Jornal do Dia*. Nesse período, a equipe do impresso é formada por Arimathéia Athayde (direção), Renato Carvalho (gerência) e José Bento Neves (secretário).

A mudança de nome para *O Estado do Maranhão* ocorre apenas em 1973, quando o então governador José Sarney e o poeta Bandeira Tribuzi assumem a direção do veículo. Segundo Figueiredo (2009), a alteração do nome coincide com a primeira reforma gráfica e editorial do periódico, produzida pela introdução das rotativas *off-set* e do sistema de composição eletrônica. “Antes, o processo quase artesanal dominava a confecção do jornal e a impressão era feita com placas de chumbo quente, nas quais as páginas eram montadas vagarosamente” (FIGUEIREDO, 2009, p. 09).

O jornal é um dos precursores do Norte-Nordeste na impressão colorida, antes restrita apenas à capa das edições de domingo; é também um dos primeiros periódicos maranhenses a implantar a organização por editorias. Atualmente, *O Estado* pertence ao Grupo Mirante de Comunicação e conta com uma tiragem média de 10 mil exemplares diários (16 mil aos domingos). O impresso é distribuído em 130 cidades do interior do estado.

Com uma média de 49 páginas de segunda a sexta-feira e 87 páginas aos finais de semana em formato *standard*, *O Estado do Maranhão* conta com 10 editorias ('Opinião', 'Política', 'Cidades', 'Esportes', 'Geral', 'O Mundo', 'Polícia', 'Economia', 'Alternativo', 'Vida') distribuídas em três cadernos diários; uma coluna de turismo ('Passaporte'); duas páginas especiais ('Dom' e 'A gente conta'); dois suplementos ('PH Revista' e 'Revista da TV') e um caderno de classificados ('Classificação').

As editorias com periodicidade diária e formato *standard* são: 'O Mundo', com informações internacionais; 'Cidades', relata os principais fatos ocorridos nas cidades do Maranhão, com destaque para São Luís; 'Geral', apresenta notícias locais e nacionais; 'Esportes', traz notícias sobre competições em diversas modalidades, acontecimentos e bastidores do mundo esportivo, além de colunas especializadas; 'Economia', reúne informações da economia local, nacional e internacional; 'Polícia', publica matérias sobre violência, criminalidade e segurança; 'Política', aborda o cenário político nacional e local, associado a colunas especializadas com comentários sobre os fatos do setor; 'Opinião', reúne o editorial, charge e artigos. O 'Classificação' é o único no formato tabloide, que oferece diariamente anúncios de emprego, imóveis, veículos e segmentos diversos.

A editoria 'Vida' é publicada de terça a sexta-feira, no formato *standard*, com notícias relacionadas à moda, tecnologia, bem-estar, alimentação, saúde, beleza, entre outros. A coluna 'Passaporte' é assinada por Marcos Davi Carvalho e circula às segundas-feiras com assuntos voltados ao turismo estadual e nacional. O espaço intitulado de 'Dom' é divulgado na edição de fim semana e traz matérias de moda, saúde, comportamento, beleza, gastronomia, etc. Já 'A gente conta', também lançada na edição de sábado e domingo, é uma página dedicada a perfis de moradores de São Luís.

O ‘PH Revista’ é um suplemento com oito páginas em formato *standard* publicado na edição de fim de semana do impresso. Ele é uma versão ampliada da coluna social de Pergentino Holanda (PH), que circula no caderno ‘Alternativo’ durante a semana, e é direcionada a eventos sociais - como aniversários, casamentos, comemorações, etc. A ‘Revista da TV’ apresenta 16 páginas em formato tabloide e circula aos fins de semana, com informações sobre programas, telenovelas e atores, geralmente da TV aberta.

4. Caderno Alternativo

Considerado o primeiro caderno diário dedicado à cultura do Maranhão, o ‘Alternativo’ surge na década de 1980 com o nome de ‘Caderno A’. Segundo Figueiredo (2009), o impresso foi fruto de uma arrojada reforma editorial no jornal *O Estado*, que fez com que a cultura, o entretenimento e a crônica de costumes ganhassem espaço fixo no veículo.

Hoje, o caderno circula de terça-feira a domingo, em formato *standard*, com uma média de 6 a 8 páginas diárias e em impressão colorida. A equipe fixa do caderno é composta por uma editora, dois repórteres, um estagiário e um diagramador. Além destes, colaboram no caderno ‘Alternativo’ dois colunistas e um cronista.

As matérias jornalísticas, representadas em sua maioria por notícias, entrevistas diretas e notas breves, basicamente concentram-se na primeira e última página do caderno durante a semana, sendo que na edição de sábado/domingo é possível encontrar mais notícias espalhadas pelo impresso.

O ‘Alternativo’ ainda dedica diariamente meia página *standard* ao roteiro cultural e ao cartaz de cinema da semana. A seção de roteiro, intitulada de ‘Agenda’, é composta por informações de peças de teatro, *shows*, exposições, cursos, festas, palestras, além das atividades dos grupos de Bumba Boi de São Luís. O cartaz de cinema, por sua vez, oferece aos leitores a programação de todos os cinemas de São Luís e de Imperatriz.

É oportuno mencionar que a página do roteiro/agenda geralmente é dividida com modalidades de entretenimento, como horóscopo, palavras cruzadas, piada/tirinhas e

caça-palavras. Dentre estas modalidades, as “previsões” (do zodíaco) é a única publicada no dia em que não circula o caderno, ou seja, às segundas-feiras.

Nas páginas do ‘Alternativo’ é possível visualizar as colunas sociais de Pergentino Holanda (‘PH’) e de Nedilson Machado (‘Em Cena’). A primeira é considerada uma das mais tradicionais escritas no Maranhão e circula de terça-feira a sábado, ocupando quase uma página inteira *standard*. Já a segunda é veiculada de terça-feira a domingo, em meia página. Ambos os espaços caracterizam-se pela presença de imagens e notas/comentários das festas de casamentos, aniversários, confraternizações em circuito familiar, viagens dos chamados “colunáveis” e outros eventos particulares. Também aparecem nestas colunas comentários de cunho político, dicas de saúde, agenda de lazer e cotidiano das celebridades.

Figura 1 - Capa e contracapa do caderno ‘Alternativo’



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão (2016)

Outra marca da estrutura editorial do caderno de cultura de *O Estado* é a programação televisiva representada pela página ‘Controle Remoto’. O espaço circula de segunda-feira a domingo e dedica-se à publicação da grade televisiva do dia dos canais da TV aberta, informações sobre programas, séries, filmes atores e resumo das novelas.

Vale lembrar que o ‘Alternativo’ mantém em sua edição de sábado/domingo a coluna ‘Roda Viva’, assinada por Benedito Buzar. A publicação é a única do caderno que apresenta um caráter interpretativo de fatos do cotidiano do Maranhão em formato de crônicas e comentários.

5. A “agenda” como referência da produção cultural

A partir do levantamento quantitativo realizado foram identificadas 333 matérias sobre cultura publicadas nas páginas internas de *O Estado*. Deste número, 176 (52,9%) foram veiculadas em março e 157 (47,1%) no mês de abril. E as editorias que abrem espaço para o campo cultural são: ‘Alternativo’ (262), ‘Vida’ (32), ‘Opinião’ (13), ‘Cidades’ (12), ‘Geral’ (4), ‘Política’ (4), ‘Dom’ (3) e ‘Economia’ (3), segundo revela o gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição das matérias de cultura por editoria no jornal *O Estado*

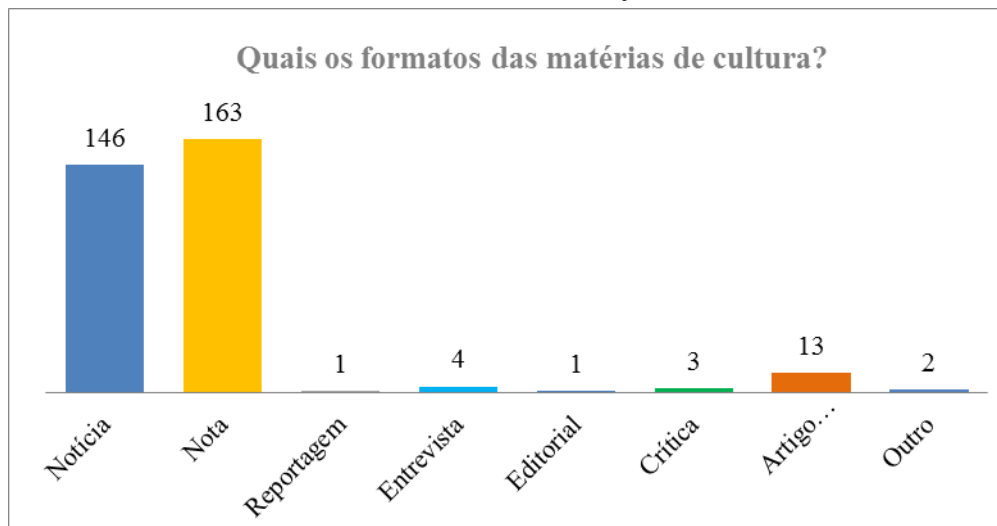


Fonte: Os autores (2017)

Pelo detalhamento expresso na tabela, percebe-se que o campo cultural é operado por várias editorias do diário. No entanto, o caderno ‘Alternativo’, por ser o espaço dedicado ao setor no diário, concentra o maior número de matérias mapeadas no levantamento.

Quanto ao gênero das matérias de cultura, o informativo apresenta 314 (94,3%) ocorrências e o opinativo 19 (5,7%). Dos formatos registrados, a nota tem a maior frequência, com 163 ocorrências; seguido pela notícia, com 146. Também há a presença de 13 artigos assinados; quatro entrevistas, três críticas, dois outros, uma reportagem e um editorial. Os casos “outros” são crônicas de escritores maranhenses publicadas nas edições do final de semana do impresso.

Gráfico 2 – Formato das matérias do jornal *O Estado*



Fonte: Os autores (2017)

As notas e notícias presentes no caderno apresentam uma estrutura discursiva de “agenda”, ou seja, não há uma produção interpretativa dos assuntos, apenas divulgação de eventos que irão acontecer. A editora do caderno de cultura do *Estado*, Bruna Castelo Branco² (2016), explica que “o Alternativo é um caderno de agenda com matérias especiais aos finais de semana. Mas durante a semana a gente não pode fugir do agendão”.

Outro fator que contribui para essa configuração das matérias, apontado pela editora, é o próprio espaço do caderno de cultura. “O Alternativo tem muito anúncio, principalmente as quintas e sextas-feiras. Então basicamente eu fico com a capa e página 6 para colocar as matérias” (BRANCO, 2016)³.

² Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

³ Id, 2016.

Ao mesmo tempo, chama atenção na amostragem a baixa frequência de críticas no jornal *O Estado*, por se tratar de um formato “clássico” na produção jornalística cultural. Conforme Branco (2016), a frequência das críticas está relacionada aos dias da semana em que elas circulam no caderno.

Basicamente as críticas e matérias especiais saem aos finais de semana, que é o tempo que o povo tem mais para lê comentário, crítica, análise, etc. E durante a semana é pauta mesmo! Você tem que pautar com o que as pessoas podem fazer (BRANCO, 2016)⁴.

A editora salienta que o impresso não possui a figura de um crítico, mas que ela chega a fazer algumas análises de produtos culturais, sendo que as críticas de produções locais ou maranhenses são produzidas por articulistas externos à redação do caderno gratuitamente e de forma esporádica.

Por outro lado, nota-se que a configuração atual das redações impacta diretamente na produção jornalística da cultura. O número reduzido de profissionais do caderno Alternativo – dois repórteres e uma editora – somado à integração da equipe, deixa inviável a elaboração de matérias com ênfase interpretativa.

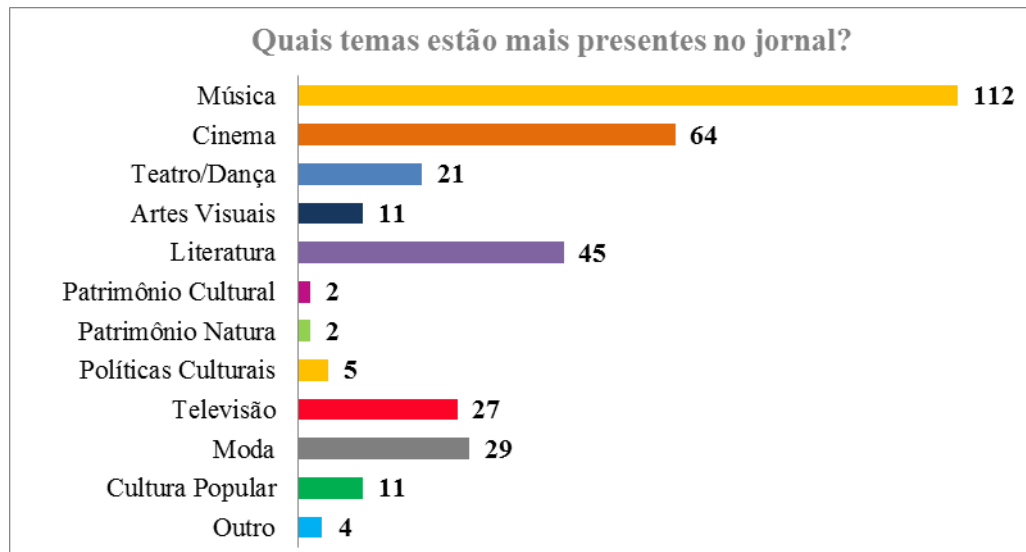
Não dá para a gente deixar um repórter a semana inteira fazendo uma matéria especial, como era antigamente, pois nossa equipe hoje é bastante pequena, e ainda temos que fazer material para o site. (BRANCO, 2016)⁵

Os dados da pesquisa ainda revelam que as ocorrências de música (112), cinema (64), literatura (45), moda/comportamento (28) e televisão (28), nessa ordem, são as mais encontradas no impresso. Em seguida, vêm teatro/dança (21), tradições/cultural popular (11), artes visuais (11), políticas culturais (5), outro (4), patrimônio cultural (2) e patrimônio natural/turismo (2).

Gráfico 3 – Temáticas das matérias de cultura do jornal *O Estado*

⁴ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

⁵ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.



Fonte: Os autores (2017)

Na avaliação de Bruna Castelo Branco (2016), a frequência dos temas música e cinema, especialmente, é atribuída à própria força de consumo, expressão e mercado da capital maranhense.

São segmentos que acabam se destacando e movimentando mais a cena cultural da cidade. Música, por exemplo, está passando por um momento de bastante efervescência com as bandas locais. O cinema também está se articulando bastante com essa nova geração, muito mais até que literatura, que hoje passa por um surgimento tímido de novos escritores. Geralmente, quem lança livro em São Luís são os veteranos, e eles não lançam toda semana. Então acaba que literatura tem uma entressafra maior, em relação a cinema e música. (BRANCO, 2016)⁶

Associado a este fator, a jornalista ressalta que a preferência de assuntos é também determinada pelo perfil dos leitores do caderno. “O público do Alternativo se interessa muito por cinema, música e literatura, basicamente esses três temas. E é um público mais elitizado” (BRANCO, 2016)⁷.

O cruzamento entre editoria e tema informa que o ‘Alternativo’ privilegia em suas páginas as “sete artes”, visto que foram localizadas 110 matérias de música, 57 de cinema, 29 de literatura, 20 de teatro/dança e 9 de artes visuais. Sobre essa realidade, Branco (2016) afirma tratar-se do perfil editorial ainda seguido pela publicação.

⁶ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

⁷ Id, 2016.

A gente ainda não juntou no caderno as outras áreas de expressão. Moda e gastronomia, por exemplo, são publicadas em ‘Vida’. Mas acredito ser um processo de adaptação tanto para gente, como para o leitor, porque ainda tem uma discussão muito grande do que é ou não cultura, e as pessoas não iam entender muito bem se colocássemos conteúdo de outros segmentos aos quais elas não estão acostumadas (BRANCO, 2016)⁸.

No período da pesquisa, o caderno registra 24 textos de televisão e apenas 8 de tradições/cultura popular, o que indica que o universo televisivo possui uma importância temática bem maior que os assuntos de caráter regional. Também foram mapeados 1 texto sobre políticas culturais e patrimônio cultural, respectivamente, além de 2 casos da categoria outro.

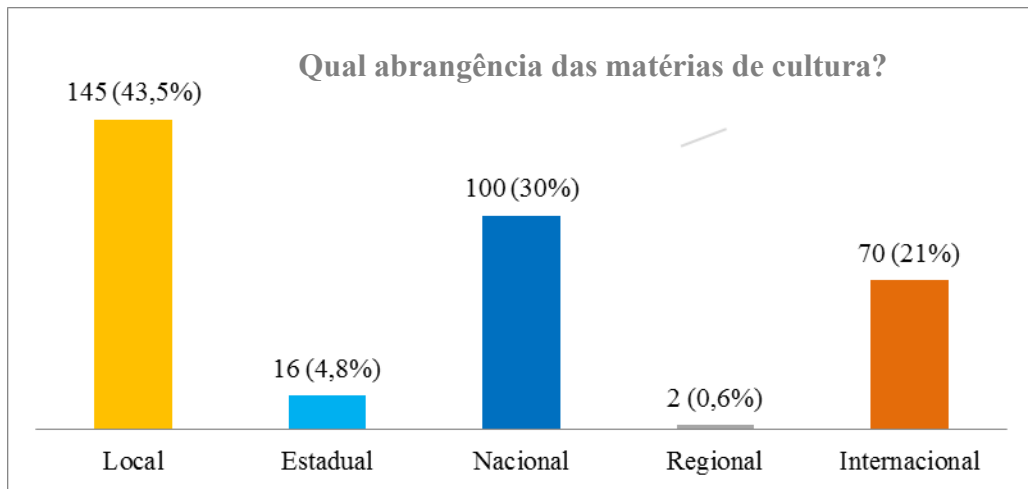
Para Branco (2016)⁹, a pouca visibilidade das manifestações populares no período da pesquisa está associada aos critérios de noticiabilidade que norteiam a tematização do caderno. “Nesse período, os grupos de tambor de crioula, embora eles ensaiem, não fazem nenhum grande evento que tenha programação, que tenha público”. Por sua vez, a jornalista esclarece que a cultura popular passa a ser mais recorrente nas páginas do caderno a partir do mês de maio, próximo ao período junino.

Ao segmentar os níveis de alcance das matérias culturais, o resultado demonstra que a cobertura local, com 145 inserções, representa 43,5% de todos os textos publicados no período da investigação. Em segundo lugar fica a categoria nacional, com 100 (30%); seguida pela internacional, com 70 (21%); a estadual, com 16 (4,8%), e a regional, com dois (0,6%). Isso significa que, mesmo *O Estado* se propondo a fazer uma cobertura para todo o Maranhão, sua produção estadual, pelo menos a nível cultural, tem pouca expressividade. Da mesma forma, os dados apresentados demonstram que as ocorrências nacionais e internacionais superam a estadual e regional devido ao envio de material de cultura pelas assessorias e agências.

Gráfico 4 – Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo

⁸ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

⁹ Id, 2016.



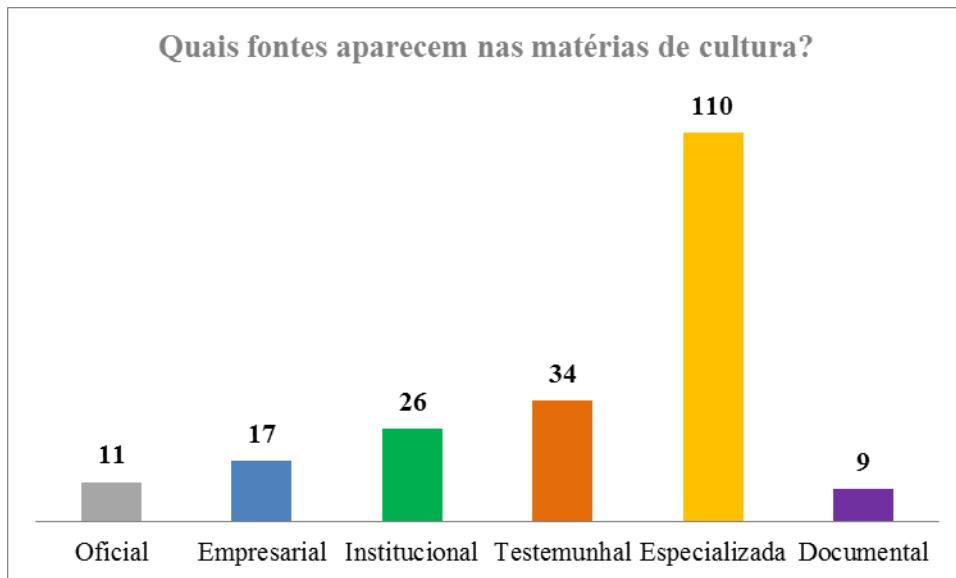
Fonte: Os autores (2017)

Segundo a editora do caderno de cultura, a tematização da cena cultural limitada a São Luís ocorre devido à falta de equipe do caderno em outras localidades do estado. “Não tenho repórter nas outras cidades. Então acaba sendo mais complicado para eu ter esse tipo de informação” (BRANCO, 2016)¹⁰.

Das matérias investigadas, observa-se ainda que há uma ausência nominal de fontes em 204 textos (equivalente a 61,3%). Estes são reproduzidos, especialmente, em forma de notas com informações breves sobre o fato. Por outro lado, foram encontrados 129 textos (equivalente a 38,7%) com presença de fontes, sendo que a maioria era especializada (110), ou seja, os artistas (cantores, atores, cineastas, artistas plásticos, etc.). Há ainda casos com fontes institucional (26), oficial (11), empresarial (17), testemunhal (34) e documental (9), como mostra o gráfico 7. A média das fontes mencionadas nas matérias é duas, o que evidencia a falta de pluralidade no olhar jornalístico na produção cultural.

Gráfico 5– Fontes citadas nos textos do jornal *O Estado*

¹⁰ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.



Fonte: Os autores (2017)

A lógica de agenda, de acordo com Branco (2016)¹¹, é um dos fatores que contribui para que as fontes noticiosas da produção jornalística cultural girem em torno dos artistas. “Não dá para colocar o público nas nossas matérias porque elas são feitas antes de acontecer. O máximo que daria para colocar seriam, em alguns casos, depoimentos de especialistas”.

Importante ponderar que o caderno ‘Alternativo’ não realiza coberturas de eventos, pois o período de fechamento da publicação é cedo, por volta das 13h. Quando há coberturas, elas são publicadas na editoria geral.

6. Considerações Finais

Conforme estudo realizado, a tematização da cultura no conteúdo jornalístico no jornal *O Estado do Maranhão*, caracteriza-se por uma diversidade de formatos textuais na produção jornalística cultural. Foram encontrados nas páginas do impresso notas, notícias reportagens, entrevistas e críticas.

Os principais temas abordados, com base nas categorias setorializadas do campo cultural, indica que a música, cinema e televisão são as áreas mais frequentes no veículo. Há destaque constante aos shows, festas, entrevistas com músicos, lançamentos

¹¹ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

de CDs e DVDs, projetos e festivais de cinema na capital, além das estreias de filmes em cartaz em níveis nacional e internacional. As produções televisivas (novelas, programas da TV aberta, séries, filmes ou informações dos artistas) também ocupam as páginas de cobertura do campo artístico-cultural do jornal *O Estado*.

Os dados levantados no estudo indicam, inclusive, a tematização de uma cultura centrada apenas em São Luís, mesmo o periódico circulando em outros municípios. Assim, constata-se que a produção jornalística cultural do jornal não retrata a pluralidade e as especificidades culturais do interior do Maranhão e, conseqüentemente, não constrói uma relação de pertencimento com o restante do estado.

Considere-se, por fim, que a produção jornalística cultural do periódico deixa-se “guiar” habitualmente pela lógica da ‘agenda’ de eventos de que fala e tematiza, ou seja, há pouca produção interpretativa dos fatos culturais do cotidiano, apenas divulgação de lançamentos, shows, espetáculos, exposições e outros fatos que irão acontecer.

Referências

AUGUSTO, Sérgio. “**O frenesi do furo**”, 2002. In: Digestivo Cultural. http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=4&titulo=O_frenesi_d_o_furo Acesso em: 20 de novembro de 2016.

BALLERINI, Frantjesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo, Summus: 2015.

BRANCO, Bruna Maria Pixão Castelo. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís: Jornal O Estado do Maranhão, 2016.

FIGUEIREDO, Selma. **O Estado: 50 anos**. São Luís: Gráfica Escolar, 2009.

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009 – Coleção Comunicação.

GOMES, Fábio. **Jornalismo cultural**. Brasileirinho Produções, 2009. Disponível em: <http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2011.

STRECKER, Marión. “Cadernos culturais”. In: **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.